



Tecnologia, poder e cuidado: uma crítica situada a partir do Tecnoescepticismo

Resenha de THE DISCO NETWORK: Technoskepticism: Between Possibility and Refusal. Stanford: Stanford University Press, 2025, 231 pp.

Technology, power, and care: a critique based on technoscepticism

Review of THE DISCO NETWORK: Technoskepticism: Between Possibility and Refusal. Stanford: Stanford University Press, 2025, 231 pp.

Leandro Giri ^[a]  [0000-0002-7068-9750](https://orcid.org/0000-0002-7068-9750)

Buenos Aires, Argentina

[a] Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF) / Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET)

Como citar: Giri, Leandro. Tecnologia, poder e cuidado: uma crítica situada a partir do Tecnoescepticismo. Resenha de THE DISCO NETWORK: Technoskepticism: Between Possibility and Refusal. Stanford: Stanford University Press, 2025, 231 pp. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 37, e202533198, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.037.e202533198>

[a] Doutor em Epistemologia e História da Ciência pela Universidad Nacional de Tres de Febrero, e-mail: leandrogiri@gmail.com

Introdução

Technoskepticism: Between Possibility and Refusal é uma obra coletiva publicada pela Stanford University Press em 2025, escrita pela DISCO Network — um consórcio intergeracional de pesquisadores, artistas, tecnólogos e ativistas comprometidos com a crítica às desigualdades digitais de caráter social e racial. Neste livro polifônico, composto por quatorze vozes diversas,¹ é proposta uma intervenção filosófica, estética e política no debate contemporâneo sobre a tecnologia, estruturada em torno de um novo conceito: o Tecnoescepticismo.

Este neologismo — tecnoescepticismo — não se limita a uma postura negativa ou meramente crítica em relação ao desenvolvimento tecnológico, mas se posiciona como um vetor de pensamento situado “entre a possibilidade e a rejeição”. Trata-se de uma ferramenta conceitual e afetiva que permite, ao mesmo tempo, canalizar esperanças emancipatórias e denunciar os dispositivos de exclusão e violência que se aninham na promessa tecnológica. Como apontam seus autores, o tecnoescepticismo não busca se distanciar completamente do potencial transformador das tecnologias, no entanto, não aceita ingenuamente os discursos do progresso linear ou do solucionismo tecnocientífico. Nesse sentido, parece abraçar a essência ambivalente (mas não neutra) da tecnologia, tal como propõem autores como Andrew Feenberg (2012).

O livro, estruturado em seis capítulos temáticos, uma introdução programática, uma conclusão em tom de “recusa” (*Refusal*) e uma coda intitulada “*Aftercare*”, questiona fenômenos contemporâneos como o diagnóstico médico digital, o bem-estar nas plataformas, a nostalgia digital, a ligação entre a negritude e a inteligência artificial e a performatividade racial no estilo estético dos algoritmos. Em todos esses campos, a reflexão tecnocética articula uma ética do cuidado (*ethics of care*) que atravessa o texto como pano de fundo comum: cuidar de nossas comunidades implica, em muitos casos, desenvolver formas de recusa estratégica, de suspeita informada, de apropriação crítica.

Mais do que uma compilação de capítulos independentes, *Technoskepticism* é uma escrita coletiva deliberada, ensaiada tanto em seu conteúdo quanto em sua forma. Afirma-se como uma experiência de escrita compartilhada que busca alterar as convenções acadêmicas sobre autoria, objetividade e voz autorizada. O “nós” adotado em diferentes passagens não pretende ocultar a diferença, mas enfatizá-la: os interlúdios em primeira pessoa estão lá para deixar aflorar as singularidades encarnadas, as trajetórias dissidentes, as experiências concretas de opressão e esperança. Nesse gesto, reside também o compromisso epistemológico e político deste livro: pensar com as diferenças, não apesar delas.

O fato de o livro pertencer à série *Sensing Media: Aesthetics, Philosophy, and Cultures of Media*² também lhe confere uma inscrição teórica clara: trata-se de uma proposta interdisciplinar que vincula estudos de mídia, estudos críticos de raça, estudos de deficiência, crítica decolonial e filosofia da tecnologia. Longe de ser um ensaio abstrato sobre a técnica, essa obra está ancorada nas condições históricas e materiais de grupos sistematicamente marginalizados no acesso, *design* e governança tecnológica, especialmente no contexto norte-americano, mas com ressonâncias que transcendem suas fronteiras.

¹ A Disco Network é composta pelos acadêmicos e ativistas David Adelman, André Brock, A. Joseph Dial, Stephanie Dinkins, Rayvon Fouché, Huan He, Jeff Nagy, Lisa Nakamura, Catherine Knight Steele, Rianna Walcott, Josie Williams, Kevin C. Winstead, M. Remi Yergeau e Lida Zeitlin-Wu.

² Disponível em: <https://www.sup.org/books/series/sensing-media-aesthetics-philosophy-and-cultures-media>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Estrutura geral e capítulos

O volume *Technoskepticism: Between Possibility and Refusal*, editado pela DISCO Network, está organizado em torno de três núcleos temáticos que permitem desenvolver uma crítica tecnopolítica a partir de uma multiplicidade de vozes situadas: o desejo de diagnóstico e bem-estar digital, as formas de nostalgia digital e as tensões entre a negritude e as tecnologias emergentes. Essa arquitetura se articula em seis capítulos principais, enquadrados por uma introdução (“*Possibilities*”), uma conclusão (“*Refusal*”) e uma coda (“*Aftercare*”), todos marcados por um tom especulativo, crítico e ético que permeia todo o livro.

“*Desiring Diagnosis*” explora o anseio contemporâneo de obter certezas médicas por meio de tecnologias algorítmicas, problematizando o ideal de objetividade e as promessas de transparência que estruturam boa parte da retórica tecno-otimista. O tom é chamativo e contrastante em relação a outras críticas ao diagnóstico automatizado (geralmente apontadas para seu caráter biológico-reducionista, ver p. ex. Vicco, Federico e Giri, 2024), uma vez que, ao mesmo tempo em que denuncia a cosmovisão neoliberal por trás desses dispositivos, afirma o autodiagnóstico como uma ferramenta para formar comunidade e alcançar o cuidado desejado, mesmo sem a precisão ou o rigor científico que determinadas patologias poderiam exigir do ponto de vista fisiológico ou psicológico.

“*Searching for Digital Wellness*” investiga os paradoxos do bem-estar digital, expondo como a indústria de aplicativos de autoajuda e *mindfulness* reproduz dinâmicas neoliberais de autoexploração enquanto se apresenta como uma forma acessível de cuidado. Essas plataformas contrastam com outras que oferecem ou ofereciam possibilidades para a construção de comunidades de cuidado.

“*Nostalgia Gone to Bits*” analisa o auge de uma nostalgia digital que aparece tanto em formatos de memes quanto em plataformas de arquivo, tensionando seu potencial como resistência contra o esquecimento ou como vetor de supremacia branca e conservadorismo cultural.

“*The Longing for Home: Nostalgia for Digital Platforms*” prolonga a exploração nostálgica, concentrando-se nas formas como as comunidades racializadas (particularmente afrodescendentes) reutilizam tecnologias obsoletas ou marginais para produzir memória e comunidade, questionando a linearidade do progresso tecnológico.

“*Blackness and AI*” examina as múltiplas maneiras pelas quais a inteligência artificial incorpora preconceitos raciais e como as comunidades negras negociam, resistem ou reconfiguram suas relações com essas tecnologias.

“*Playing with Black Style: ChatGPT and Black Aesthetics*” oferece uma intervenção crítica sobre a performatividade do negro em contextos algorítmicos, incluindo experimentos de estilo, sátira e apropriação, propondo um uso estratégico e crítico das ferramentas generativas. Explora-se o uso de *prompts* especialmente personalizados para fazer com que o ChatGPT utilize gírias e expressões idiomáticas de diferentes comunidades negras, embora os resultados não pareçam totalmente promissores na busca por uma IA compatível com a negritude.

A conclusão e a coda expandem o olhar para uma ética do cuidado e da coabitação ambivalente com a tecnologia. “*Refusal*” não é um encerramento, mas uma afirmação do direito de dizer não, de adiar, de exigir cuidado. Por outro lado, o termo “*aftercare*”, que dá nome à coda do livro, vem originalmente dos protocolos de

cuidado nas práticas *BDSM* e foi ressignificado em comunidades *queer* e racializadas como uma forma de atenção coletiva após experiências intensas, vulneráveis ou potencialmente traumáticas. Em *Technoskepticism*, a DISCO Network recupera essa noção para pensar uma ética do cuidado que não termina com o diagnóstico crítico, mas se estende às formas como nos acompanhamos após o conflito. Essa ética do *aftercare* reconfigura a crítica tecnopolítica como um espaço não apenas de denúncia, mas também de contenção, reparação e afeto, distanciando-se tanto do cinismo acadêmico quanto da celebração ingênua do digital. Assim, o livro encerra com um apelo não ao encerramento, mas à continuidade do vínculo, à construção sustentada de comunidades críticas e cuidadoras em meio às tecnologias que habitamos.

O tecnoescepticismo como intervenção filosófica e política situada

O conceito central que estrutura o livro — o do tecnoescepticismo — não deve ser confundido com o pessimismo tecnológico clássico³ nem com o ludismo reativo⁴ (daí a ressonância que mencionávamos acima com propostas como a filosofia crítica de Andrew Feenberg, 2012). Trata-se, antes, de uma forma situada e ambivalente de se relacionar com a tecnologia, que parte do reconhecimento de que os desenvolvimentos técnicos estão imbricados em estruturas de poder historicamente desiguais. Ao contrário de outras abordagens que opõem um “bom uso” a um “mau *design*” da tecnologia,⁵ o tecnoescepticismo proposto pela DISCO Network busca desestabilizar as categorias hegemônicas a partir de suas margens: raça, deficiência, gênero, classe e trauma não são aqui identidades marginais, mas pontos epistemológicos férteis a partir dos quais repensar nossas questões tecnopolíticas.

De uma perspectiva filosófica, essa proposta inscreve-se na tradição crítica dos estudos sociais da tecnologia (como Feenberg (2012), Quintanilla (2017) ou Winner (1989)), mas difere em sua aposta no afetivo, no encarnado e no minoritário como eixos constitutivos da análise. O que o tecnoescepticismo traz ao pensamento filosófico sobre a técnica é uma ética da incerteza, da interrupção e do cuidado, na qual a desconfiança não é sinônimo de niilismo, mas de vigilância ativa e responsabilidade comunitária. Em um ambiente saturado de discursos otimistas sobre a disrupção tecnológica, o tecnoescepticismo não é uma renúncia, mas uma forma de resistência epistemológica e política.

Essa abordagem, do nosso ponto de vista, torna-se particularmente sugestiva quando colocada em diálogo com os desafios da América Latina. Embora o livro tenha sido escrito a partir de e para um público principalmente norte-americano, suas preocupações ressoam além desse marco geográfico. Os relatos de apropriação crítica de tecnologias por comunidades negras, *queer* ou neurodivergentes nos Estados Unidos podem funcionar como inspiração metodológica para pensar formas de criatividade popular em contextos de precariedade tecnológica na América Latina. No entanto, também é necessário reconhecer os limites dessa

³ Como em Ellul (1968), Heidegger (2021) ou Postman (1993), ou, mais contemporaneamente, Sadin (2020).

⁴ Por exemplo, Sale (1995).

⁵ Entre essas abordagens, além das presentes no discurso regulacionista típico da normativa sobre IA, como a europeia (disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX%3A32024R1689>. Acesso em: 3 jul. 2025.), encontram-se as tradições do design centrado no usuário (Norman, 2013) ou em certas visões normativas da ética da informação (Floridi, 2010).

extrapolação. O acesso a dispositivos, à conectividade e à alfabetização digital em muitas regiões da América Latina ainda é profundamente desigual.⁶ A possibilidade de se organizar em plataformas, reapropriar-se de tecnologias ou mesmo simplesmente “negar” o uso de certas ferramentas nem sempre está disponível para aqueles que enfrentam exclusão estrutural. Nesse sentido, embora o tecnoescepticismo seja conceitualmente fértil, sua aplicação requer uma tradução situada, sensível às condições materiais, políticas e culturais de nossa região.

Uma lição importante que pode ser extraída do livro é que a crítica à tecnologia não deve se concentrar apenas na denúncia, mas também na imaginação política de outros futuros possíveis. O tecnoescepticismo, assim entendido, torna-se uma pedagogia: ensina a desconfiar, mas também a cuidar, a frear, a experimentar. Convida a construir, além das redes de denúncias, redes de contenção e de criação, nas quais a tecnologia possa ser colocada a serviço de uma vida digna — ou, pelo menos, deixar de ser um obstáculo para ela.

Conclusão: repensar a filosofia da tecnologia a partir da rejeição, do cuidado e da imaginação situada

Technoskepticism: Between Possibility and Refusal é muito mais do que um livro acadêmico sobre tecnologia: é uma aposta coletiva para repensar as formas como as comunidades marginalizadas vivem, resistem e reconfiguram sua relação com os ambientes digitais. Ao propor uma leitura filosófica a partir do encarnado, do afetivo e do situado, a DISCO Network interrompe as formas tradicionais de produzir conhecimento acadêmico, tanto por seu conteúdo quanto por sua forma de organização, marcada pela escrita coral, pela horizontalidade autoral e pelo compromisso político explícito.

O tecnoescepticismo que defendem não é sinônimo de tecnofobia nem de nostalgia por um mundo sem máquinas. Trata-se, antes, de uma estratégia crítica para navegar pelos dilemas do presente: uma maneira de dizer “não” a certos usos da tecnologia sem abandonar a possibilidade de dizer “sim” a outros. Nesse sentido, a obra oferece uma alternativa ao binarismo simplista entre progresso tecnocientífico e rejeição reacionária. É, no melhor sentido, uma filosofia da tecnologia militante, que não abdica da análise rigorosa, mas a situa em relação às vidas concretas que as tecnologias afetam, excluem ou potencializam.

Para nós que vivemos no Sul Global, e em particular na América Latina, o livro abre um diálogo fértil, embora desafiador. Embora as condições materiais e os repertórios de ação tecnológica em nossa região difiram notavelmente daqueles descritos pelos autores — muitos deles acadêmicos ou ativistas racializados com acesso a infraestruturas digitais em contextos do Norte Global —, o espírito do projeto é plenamente pertinente: pensar a tecnologia não como um destino, mas como um campo de disputa. Nesse contexto, as reflexões da DISCO Network podem funcionar como gatilhos para imaginar tecnopolíticas latino-americanas, capazes de articular justiça epistêmica, *design* crítico e criatividade popular.

⁶ Ver, por exemplo, a Desigualdade 4.0, disponível em: <https://www.caf.com/es/actualidad/noticias/desigualdad-40-a-cerrar-la-brecha-digital/>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Da perspectiva de diferentes iniciativas de militância tecnológica situadas na América Latina,⁷ a obra representa um aliado teórico e ético. A aposta em produzir um pensamento situado, ancorado em experiências coletivas, militante sem ser dogmático, é um sinal valioso em tempos de aceleração digital e polarização ideológica. Para projetos comprometidos com repensar as relações entre filosofia, tecnologia e transformação social, livros como *Technoskepticism* ampliam o horizonte teórico e nos convidam a experimentar novas formas de fazer filosofia.

⁷ Como Código Sur (Disponível em: <https://codigosur.org/>. Acesso em: 3 jul. 2025); Derechos Digitales América Latina (Disponível em: <https://www.derechosdigitales.org/>. Acesso em: 3 jul. 2025); AlterMundi (Disponível em: <https://www.derechosdigitales.org/>. Acesso em: 3 jul. 2025), MariaLab (<https://www.marialab.org/>), Luchadoras (<https://luchadoras.mx/>), Kefir (<https://kefir.red/>), Rhizomatica (Disponível em: <https://www.rhizomatica.org/>. Acesso em: 3 jul. 2025), Datos Protegidos (Disponível em: <https://datosprotegidos.org/>. Acesso em: 3 jul. 2025) ou Tierra Común (Disponível em: <https://www.tierracomun.net/>. Acesso em: 3 jul. 2025), entre outros.

Referências

- ELLUL, J. *A técnica e o desafio do século*. 2. ed. Trad. A. Climent. Madrid: Editora Paz e Terra, 1968.
- FEENBERG, A. *Transformar la tecnología: hacia una filosofía crítica de la tecnología*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012.
- FLORIDI, L. *Information: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- HEIDEGGER, M. *La pregunta por la técnica*. Barcelona: Herder, 2021.
- NORMAN, D. A. *The design of everyday things: Revised and expanded edition*. New York: Basic Books, 2013.
- POSTMAN, N. *Technopoly: The surrender of culture to technology*. New York: Vintage Books, 1993.
- QUINTANILLA, M. A. Tecnologías entrañables: un modelo alternativo de desarrollo tecnológico. In: QUINTANILLA, M. A. et al. *Tecnologías entrañables*. Madrid: Catarata & OEI, 2017. p. 15-53.
- SADIN, E. *La inteligencia artificial o el desafío del siglo: Anatomía de un antihumanismo radical*. Buenos Aires: Caja Negra, 2020.
- SALE, K. *Rebels against the future: The Luddites and their war on the Industrial Revolution*. Reading: Addison-Wesley, 1995.
- THE DISCO NETWORK. *Technoskepticism: Between Possibility and Refusal*. Stanford: Stanford University Press, 2025.
- WINNER, L. Do artifacts have politics? In: WINNER, L. *The whale and the reactor: A search for limits in an age of high technology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

Editores responsáveis: Léo Peruzzo Júnior e Jelson Oliveira.

RECEBIDO: 07/07/2025
APROVADO: 09/07/2025
PUBLICADO: 02/09/2025

RECEIVED: 07/07/2025
APPROVED: 07/09/2025
PUBLISHED: 09/02/2025